



A estereotipização do negro nos romances de Bernardo Guimarães

The stereotypes of the Negro in the novels of Bernardo Guimarães

Juliana Fillies Testa Muñoz¹

Resumo: No decorrer do século XIX, desata no Brasil um assíduo debate em torno da escravidão e do futuro do país. Bernardo Guimarães instrumentaliza a imagem do afrodescendente para divulgar suas ideias sobre nacionalidade. Ao fazer do afrodescendente o protagonista de sua narrativa, o escritor, entretanto, constrói uma série de personagens estereotipados. Propõe-se, por meio do presente artigo, analisar as principais características dos personagens negros em três obras de Bernardo Guimarães.

Palavras-chave: Bernardo Guimarães; Estereótipos raciais; Literatura abolicionista.

Abstract: In the course of the nineteenth century, an assiduous debate begins in Brazil concerning the slavery and the future of the country. Bernardo Guimarães uses the image of the African descendant to broadcast his ideas about nationality. Nevertheless, while the author makes the African descendant the main character of his narrative, he constructs a sequence of stereotyped figures. We intend, with the present article, to analyze the main characteristics of the negro characters in three works of Bernardo Guimarães.

Keywords: Bernardo Guimarães; Racial stereotypes; Abolitionist literature.

O negro na literatura brasileira até o século XIX

Apesar de o negro, desde o início do período colonial, ter desempenhado um papel crucial no desenvolvimento econômico e estrutural da sociedade brasileira, observamos que sua figura é praticamente inexistente em textos literários anteriores à abolição do tráfico negreiro, decretada de forma definitiva apenas em 1850 (CARVALHO, 2006, p. 54; CASTILHO, 2004, p. 104; MARTINS, 1977, p. 26). Essa situação, aparentemente paradoxal, diz muito sobre como o negro era percebido e apreciado pelo branco durante os primeiros séculos de colonização. Até o fim da escravidão, o afrodescendente não havia representado para a elite do país mais que um importante bem material. A coisificação do escravo como aquisição valiosa para o desenvolvimento da economia brasileira teve como consequência a desumanização do afrodescendente que era considerado um ser inferior. Os intelectuais brasileiros não estavam interessados em apresentar o negro como personagem de suas obras, pois ele não era considerado um elemento poético. Conseqüentemente, o afro-brasileiro permanece praticamente ausente

¹ Doutora em Literatura Comparada pelo Instituto de Letras da Universidade de Colônia e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Programa de cotutela).

na dramaturgia, na poesia e na narrativa brasileira durante os primeiros séculos. Nas poucas obras em que aparece, geralmente desempenhando papéis secundários, o personagem negro, via de regra, está vinculado ao trabalho servil. Ele é apresentado como um sujeito submisso e infantil, incapaz de atuar de forma autônoma ou rebelar-se contra o sistema que o oprime (BASTIDE, 1973, p. 117; SÜSSEKIND, 1982, p. 19).

Um aumento de personagens negros na literatura brasileira só começa a ser observado a partir de meados do século XIX, com o desenvolvimento da campanha abolicionista no país. Importante para o abolicionismo no Brasil foram acontecimentos históricos no âmbito internacional, como a abolição da escravidão nas colônias francesas e holandesas durante a década de sessenta e, especialmente, a emancipação dos escravos em território norte-americano em 1865. O Brasil era o único país independente no Hemisfério Ocidental a manter um sistema que era cada vez mais associado ao atraso e à imoralidade (COWLING, 2010, p. 285; SAYERS, 1956, p. 85). A manutenção do sistema escravagista colocava o Brasil, que buscava se posicionar como nação moderna e independente no contexto internacional, em uma situação delicada. Se o Brasil queria ser respeitado pelos países europeus, era indispensável que abdicasse do sistema escravagista. O desejo, portanto, de ver a jovem nação livre do fantasma da escravidão leva vários integrantes da elite brasileira a debater a questão do escravismo na sociedade. O negro torna-se, assim, uma figura de destaque nos gêneros públicos, como as crônicas jornalísticas e conferências jurídicas. Oradores que se destacaram durante o século XIX por seu afinco abolicionista foram, entre outros, Hipólito José da Costa, Evaristo da Veiga, José Bonifácio de Andrade e Silva na primeira metade do século e, de forma mais consistente, Joaquim Nabuco, José Carlos do Patrocínio, André Rebouças e Coelho Neto, na segunda metade (CARVALHO, 2006, p. 56). O discurso antiescravagista é abordado por vários grupos de intelectuais e alcança finalmente as páginas da ficção. É assim que o negro é deslocado de seu *lôcus* de marginalização para protagonizar nas obras abolicionistas do século XIX. Bernardo Guimarães é um desses intelectuais que se dedica a criticar o sistema escravagista no Brasil. Instrumentalizando a imagem do negro no combate à escravidão, no entanto, o autor constrói em sua narrativa uma imagem estereotipada do negro no Brasil.

Estereótipos raciais no romance de Bernardo Guimarães

Segundo o estudioso Roger Bastide (1973, p. 121), Bernardo Guimarães pode ser considerado o primeiro escritor brasileiro a oferecer em suas obras uma colheita de estereótipos sobre o sujeito negro. As imagens construídas sobre o afrodescendente são

negativas e revelam o latente preconceito do escritor. De acordo com Bastide, essas são as principais características do personagem negro na obra de Guimarães:

- 1) O negro é feio e a mulata é bela porque sua cor se aproxima a da branca.

Ao contrário do mulato branqueado, os personagens negros nos romances do autor são apresentados, em sua maioria, como personagens desprovidos de beleza física. A associação da fealdade à cor negra é um aspecto que se evidencia em mais de uma de suas obras. Em *Uma história de quilombolas*, o afrodescendente Zambi é apresentado da seguinte maneira:

Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se reflectia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beiços vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz accentuado e curvo, e a vasta testa inclinada para trás revelava um espirito dotado de muito tino e perspicácia, e de extraordinária energia e resolução (GUIMARÃES, 1900, p. 8).

Durante o século XIX, o negro era visto pelos brancos como um ser selvagem, sem cultura ou religião². A associação do negro à barbárie em *Uma história de quilombolas*, como podemos extrair do excerto citado, vai além da vinculação da raça negra a um barbarismo cultural. A definição do negro como um ser bárbaro e arisco se estende a sua descrição física. O personagem afrodescendente é apresentado de forma animalizada, como uma onça feroz esperando o momento de ataque. O emprego da palavra “beiços” no lugar de “lábios”, a menção dos dentes agudos, assim como os adjetivos “sinistro” e “hediondo” contribuem para a apresentação pejorativa do homem negro que desperta o medo nos demais personagens, assim como no leitor imaginado. Ao mesmo tempo, se reafirma os estereótipos sobre a robustez e a força física do afrodescendente. Apesar de aparentemente positiva, a descrição do homem negro partindo de seu “vigor” é, no fundo, negativa, porque transmite a ideia de que o afrodescendente só seria hábil para o trabalho braçal.

A vinculação da feiura à cor negra é uma característica que se faz presente também no romance abolicionista *A escrava Isaura*. Nesse romance, onde os negros desempenham apenas um papel secundário, o autor, através da instância narrativa,

² Confira os trabalhos de L. M Schwarz (1887, 1993), R. Ventura (1987), J.Y. Mérian (2013) e C. Carvalho (2006).

parece apresentar as escravas da fazenda de forma gradativa, partindo da mais escura a mais clara:

Eram de vinte a trinta negras, crioulas e mulatas, com suas tenras crias ao colo ou pelo chão a brincarem em redor delas. Um conversavam, outras cantarolavam para encurtarem as longas horas de seu fastidioso trabalho. Viam-se ali caras de todas as idades, cores e feitios, desde a velha africana, trombuda e macilenta, até à roliça e luzidia crioula, desde a negra brunida como azeviche até à mulata quase branca (GUIMARÃES, 1981, p. 38).

Também esse excerto evidencia o profundo preconceito racial do escritor que não consegue ver beleza em traços negroides. A enumeração dos adjetivos começando com “trombuda”, “macilenta” passando por “roliça”, “luzida” até chegar à omissão de atributos, transmite a ideia de que quanto mais escura, mais feia, respectivamente, quanto mais clara, mais bela. Bernardo apresenta no romance três personagens que encaixariam nessa definição: Joaquina (negra feia), Rosa (mulata sensual), Isaura (mulata branqueada bela).

Sintomático para esse sentimento de desprezo e aversão diante do Outro, é também a transposição da própria visão discriminatória ao personagem negro. Na obra *A escrava Isaura*, observamos, por exemplo, que o personagem mulato André anui o estereótipo sobre a própria inferioridade racial e despreza aqueles que, não sendo mestiços, apresentam uma cor de pele mais escura. André não aparenta possuir qualquer sentimento de orgulho por pertencer à etnia e à cultura africana, ao contrário, ele exalta Isaura por sua beleza branca. O mulato afirma até mesmo sentir-se constrangido ao ver a heroína na mesma condição das outras escravas, as quais define como uma “corja de negras beiçudas e catinguentas” (GUIMARÃES, 1981, p. 44). A descrição física das escravas negras, apresentada pelo mulato, reforça o estereótipo do negro feio, já construído ou afirmado por Guimarães em sua obra publicada alguns anos antes, *Uma história de quilombolas*.

Exemplo de beleza é indubitavelmente a mulata branqueada. Esse personagem abunda nos romances de Guimarães. O que a distingue é o favorecimento de características físicas caucasoides em detrimento daquelas consideradas distintivas da raça negra. Podemos afirmar, inclusive, que é precisamente a supressão de elementos negros que possibilita a exaltação da mulata branqueada como símbolo de uma beleza

que buscou-se apresentar como genuinamente brasileira. Esse aspecto faz-se evidente, por exemplo, no romance *Rosaura: a enfeitada*. Nesse, a personagem afrodescendente Adelaide, é apresentada como uma mulher “morena, mas de uma matiz suave e transparente” (GUIMARÃES, 2005, p. 18). Observa-se, assim que, ao descrever fisicamente a personagem, o escritor preocupa-se em ressaltar que *embora* fosse morena, a cor de Adelaide não era negra, mas sim de uma tonalidade “transparente”. O cuidado em descrever seus personagens positivos dentro de uma ótica de beleza ocidental é perceptível também na apresentação física da filha de Adelaide, Rosaura. Também ela é descrita como possuidora de uma tez levemente amorenada que, no entanto, “era fina e mimosa como a do jambo” (GUIMARÃES, 2005, p. 122). Em *Uma história de quilombolas*, o narrador resalta que as feições da personagem Florinda “a não serem os lábios carnosos e as narinas moveis, [...], erão quasi de pureza caucasiana” (GUIMARÃES, 1900, p. 22). É evidente que Bernardo não quer apresentar suas heroínas como “negras comuns”, de pele escura e traços negroides. Entre todas essas personagens modelos, quem, entretanto, se aproxima mais da perfeição é a escrava Isaura, protagonista do romance epônimo. A heroína é descrita da seguinte maneira:

Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça infável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração. Tinha a face voltada para as janelas, e o olhar vago pairava-lhe pelo espaço (GUIMARÃES, 1981, p. 11).

O que se nota na descrição da jovem mulata é um jogo de nuances e uma oposição de luzes que revela a valorização dos elementos brancos em detrimento dos negros. São vários os adjetivos que remetem a sua branquidade física, como a cor “pálida” e “rósea” que assemelha o “marfim” ou o “mármore”. Isaura é bela porque, no fundo, é branca. Exceto seus cabelos “fortemente ondulados”, nada na protagonista remete à origem africana. Se contrapomos a descrição de Isaura à do negro Zambi ou à das demais escravas da fazenda de Leôncio – embora o autor não ofereça uma descrição detalhada dessas, pudemos demonstrar que as mesmas eram consideradas feias pelo personagem André – percebemos que não existe alguma similitude entre esses personagens. O fato de a protagonista não poder ser considerada propriamente uma representante da massa cativa, levou vários estudiosos³ a se questionarem até que ponto a obra de Guimarães poderia ser qualificada como abolicionista. Para Gomes (1994, p. 42), a decisão do escritor de fazer da protagonista uma personagem branqueada que mais se assemelha a uma “andaluza” ou a uma “napolitana” do que a uma escrava no Brasil, revela seu constrangimento diante da tarefa que se propôs: demonstrar que a integração do sujeito afrodescendente na sociedade pós-abolição era viável e benéfica. Um aspecto parecia, no entanto, ser indispensável para a aceitação do negro como indivíduo livre dentro do projeto de nação que estava sendo traçado pela elite letrada brasileira no século XIX: a renúncia por parte do sujeito afrodescendente da própria alteridade. Na obra de Guimarães, as mulatas representam o futuro da nação, mestiça, porém não negra. O que se propaga aqui é a absorção genética e cultural do negro pelo branco através da mestiçagem. Durante o século XIX, alguns teóricos raciais, como o Conde A. de Gobineau e E. C. Agassiz, haviam visitado o Brasil e prognosticado um futuro bastante pessimista para o povo brasileiro. Segundo esses estudiosos, o contingente de negros no país ameaçava a civilização e os condenava a barbárie (SCHWARCZ, 1987, p. 23). A obra *Os africanos no Brasil* escrita pelo antropólogo brasileiro Nina Rodrigues entre os anos 1890 e 1905 e publicada quase três décadas mais tarde, demonstra como as ideias racistas propagadas na Europa e na América do Norte influenciaram o imaginário brasileiro. Para Nina Rodrigues,

Extremando as especulações theoricas sobre o futuro e o destino das raças humanas, do exame concreto das consequências imediatas das suas desigualdades actuaes para o desenvolvimento

³ Cf. CARVALHO, 2006, p. 62; FIGUEIREDO, 1968, p. 316; ALVES, 2012, p. 42; SILVEIRA, 2013, p. 9; BOSI, 1994, p. 143; ABREU, 2013, p. 54, 111-116.

do nosso paiz, consideramos a supremacia imediata ou mediata da Raça Negra nociva á nossa nacionalidade, prejudicial em todo o caso a sua influencia não sofreada aos progressos e á cultura do nosso povo (RODRIGUES, 1932, p. 18).

Os negros eram, no entanto, uma realidade. Não havia forma de fazê-los desaparecerem do solo brasileiro. A solução propagada por alguns intelectuais foi a de “diluir” o sangue negro em branco através de um processo de contínuo branqueamento da população negra (VENTURA, 1987, p. 164-166). É possível interpretar a beleza clareada das protagonistas mulatas na obra de Guimarães como um posicionamento do autor diante das ideias propagadas em torno do futuro do país. Criando personagens mulatos estereotipados, Bernardo os coloca em função de um discurso mais amplo que buscava conscientizar a elite brasileira para a necessidade de clarear a população afrodescendente antes que o prognóstico dos teóricos raciais se cumprissem e o Brasil se tornasse um país de bárbaros e incivis.

2) Há dois tipos de negros: o negro bom e o negro ruim.

A imagem do negro cruel abunda, sobretudo, no conto *Uma história de quilombolas*. Nesse texto narrativo, os indivíduos afrodescendentes são apresentados como cruéis, bárbaros e assassinos. Na condição de quilombolas, longe da civilização ocidental, os indivíduos negros parecem incapazes de se comportarem de forma civilizada e são descritos como animais, umas vezes como “fera” e outras como “macaco” (GUIMARÃES, 1900, p. 61, 110). Em ambos os casos, o recurso discursivo empregado é a desumanização do negro. Privo de humanidade, o negro é descrito como capaz de qualquer crime ou barbaridade. A animalização do sujeito afrodescendente, entretanto, tem uma função estratégica dentro da narrativa do autor. Apresentando o negro quilombola como um elemento subversivo e perigoso, Bernardo Guimarães pode criar um personagem positivo que, contrastando com os negros selvagens, pode ser tomado como exemplo. Esses personagens serão em *Uma história de quilombolas* os mulatos branqueados Florinda e Anselmo. Os mulatos são, em geral, os principais representantes do negro bom. Todos apresentam um coração generoso e uma conduta honrosa, como é o caso de Isaura, Rosaura e Adelaide. É verdade também que não todos personagens negros nas obras de Guimarães podem ser considerados maus. Alguns, sempre desempenhando um papel secundário na narrativa, são apresentados apenas como vítimas. Esses, ao contrário dos mulatos branqueados, não são personagens propriamente positivos. Caracterizando-os como sumamente submissos, Bernardo faz

desses personagens figuras tristes e passivas. Esse é o caso de Joaquina em *A escrava Isaura* ou de Lucinda em *Rosaura: a enjeitada*. Também não seria correto afirmar que não há personagens mulatos maus na obra fictícia de Bernardo Guimarães. A personagem Rosa, em *A escrava Isaura* é um exemplo de mulata má. Invejosa e maldosa, ela é a antagonista da protagonista. Rosa, contudo, embora o narrador lhe atribua certa beleza física, não pode ser comparada às mulatas branqueadas apresentadas nos demais romances. Sua função principal é contrastar com a heroína do romance, Isaura.

3) O negro é racialmente um animal sensual e sexual.

Embora seja evidente a tentativa de Bernardo Guimarães de apresentar o mulato como uma figura positiva, podemos observar que o autor não consegue abster-se de atribuir a seus personagens afrodescendentes, as qualidades que a elite branca brasileira do século XIX acreditava ser próprias da natureza negra. Uma dessas características era a suposta tendência do sujeito negro à sensualidade e à devassidão. Nem mesmo seus personagens positivos, como Adelaide, Rosaura, Florinda e Isaura escapam dessa redução do indivíduo afrodescendente a objeto de desejo. Em *Rosaura: a enjeitada*, o narrador descreve o físico de Adelaide da seguinte maneira:

Adelaide era como o leitor já sabe, de uma beleza plástica e mais provocadora. O seio túrgido, sempre arfando em mórbida ondulação, parecia o ninho da ternura e dos prazeres; o olhar, a um tempo cheio de meiguice e de fogo, como que derramava fulgores divinos sobre toda a sua figura; as faces róseas os lábios purpurinos eram como esses pomos vedados, que no paraíso seduziram os progenitores da humanidade e ocasionaram sua primeira culpa; e o porte dotado de elegância natural, com suas voluptuosas ondulações e meneios graciosos pareciam estar cantando eternamente o hino de amor e de volúpia; as feições, não muito corretas, eram animadas por uma fisionomia de tão encantadora expressão, que impunha a adoração, sem dar tempo à observação (GUIMARÃES, 2005, p. 97).

Observa-se que a protagonista é descrita a partir do corpo. Pouco é revelado ao leitor sobre seus traços faciais, antes, busca-se realçar as suas curvas, dos lábios carnosos, dos seios vultosos, ou seja, dedica-se precisamente à descrição de elementos físicos que ressaltam a sensualidade feminina. É fácil imaginar a silhueta de Adelaide. Ainda que de forma involuntária, as mulatas nas obras de Guimarães sempre são

apresentadas como mulheres que exalam uma beleza sensual, diante da qual seus admiradores dentro da ficção, e no mundo real, se maravilham. O que, geralmente, as caracteriza não é seu intelecto, ou sua moralidade, mas precisamente suas “ondulações mórbidas” e a voluptuosidade do olhar e do caminhar. Uma descrição semelhante podemos observar na apresentação da personagem Rosaura que, como sua mãe, possui os “lábios carnudos do mais voluptuoso e encantador relevo” (GUIMARÃES, 2005, p. 122). Em *A escrava Isaura*, é a personagem Rosa que representa a mulata sensual. Entretanto, também Isaura é “devorada” com os olhos pelo personagem Henrique (GUIMARÃES, 1981, p. 22). Observamos, assim, que nem mesmo um ser sublime e angelical como Isaura está livre de ser cobiçado pelo personagem masculino. É, no entanto, sobretudo em *Uma história de quilombolas*, que se faz evidente o preconceito do narrador que não consegue desassociar a mulher negra da volúpia. Ao descrever a personagem Florinda, o narrador afirma que seu corpo tinha um donaire voluptuoso, e curvas moles e graciosas que seriam “próprias das mulatas” (GUIMARÃES, 1900, p. 22). Sensualidade e negritude são, portanto, apresentadas como dois aspectos inexoravelmente vinculados.

Enquanto as mulatas branqueadas são apresentadas principalmente como vítimas de sua sensualidade inerente, os personagens negros em *Uma história de quilombolas* são descritos como incapazes de resistir aos impulsos da carne. Esse é o caso do negro Zambi, líder do quilombo. Possuído pelo desejo despertado pela imagem de Florinda, o negro se desentende com seus companheiros que terminam se levantando contra ele. Zambi é apresentado como um ser irracional que segue apenas seus instintos selvagens, o narrador nos revela que “a encantadora e voluptuosa figura de Florinda tinha-lhe feito viva impressão no coração, e lhe accendêra o sangue africano em apetites libidinosos” (GUIMARÃES, 1900, p. 34). Não lhe restava, portanto, outra opção a não ser persegui-la e aprisioná-la, até conseguir satisfazer seus desejos carnis. Ao contrário do homem civilizado, o sujeito negro é apresentado como um ser entregue a sua natureza. Ele não tem cultura, não tem domínio e não tem a admiração do escritor ou do leitor.

Nos três tópicos acima mencionados estão resumidas, de acordo com Bastide, as principais características do personagem negro na obra de Bernardo Guimarães. No entanto, acreditamos ser necessário agregar um último aspecto à listagem de Bastide respeito aos estereótipos raciais na narrativa de Guimarães: a ficcionalização da suposta dependência moral e intelectual do escravo de seu senhor. Desse modo, formula-se o quarto tópico sobre a construção do negro nas obras de Bernardo Guimarães:

- 4) O negro depende da tutela do branco

Durante a campanha abolicionista no Brasil, alguns dos intelectuais que se expressaram a favor da abolição da escravidão, acreditavam que essa não deveria ocorrer de forma imediata, e sim gradual. Afirmavam que os negros, sendo racialmente inferiores, não saberiam lidar com a liberdade concedida e terminariam perdendo-se no ócio e na criminalidade. Emblemática para essa discussão foi o debate que adveio das posições tomadas por Joaquim Nabuco e José de Alencar. Enquanto o primeiro pleiteava a favor da abolição imediata, o segundo considerava perigoso emancipar os escravos sem prévia preparação (VENTURA, 1987, p. 54-57). Essa visão paternalista faz-se evidente em seus discursos:

Não basta para vós, dizer a criatura, tolhida em sua inteligência, abatida em sua consciência – Tu és livre; vai, percorre os campos como uma besta fera! Não senhores, é preciso esclarecer a inteligência embotada, elevar a consciência humilhada, para que um dia, no momento de conceder-lhe a liberdade, possamos dizer – vós sois homens, sois cidadãos. Nós vos redimimos, não só do cativeiro como da ignorância, da miséria, da animalidade em que jazeis (ALENCAR (1871), APUD VENTURA, 1987, p. 55).

Embora Bernardo Guimarães fizesse parte do grupo de intelectuais que era favorável à abolição imediata da escravidão, o que percebemos em seus textos literários é que também ele apresentou seus personagens afrodescendentes como figuras carentes da direção do branco. Esse não é somente o caso de Isaura que conquista a liberdade apenas quando conhece Álvaro, um homem branco que após o casamento será seu tutor, mas também da maioria dos personagens negros em suas narrativas. Duas passagens na obra *A escrava Isaura* são sintomáticas para a apresentação do negro como tutelado. Na primeira, a mãe de Leôncio dialoga com Malvina e explica porque não planeja libertar Isaura enquanto vivesse. A personagem afirma que não a emancipa porque teme que a cativa se perca, uma vez que se encontre em liberdade (GUIMARÃES, 1981, p. 18-19). A postura da escravocrata evidencia a falta de confiança na capacidade do negro de viver autonomamente. Observa-se que nem mesmo um ser excepcional e singular como Isaura escapa da caracterização negativa do negro como inferior. Na segunda passagem, onde o narrador expõe como Álvaro coloca seus planos de emancipação de escravos em prática, fica ainda mais explícita a posição paternalista de Bernardo Guimarães:

Como, porém, Álvaro tinha um espírito nimamente filantrópico, conhecendo quanto é perigoso passar bruscamente do estado de absoluta submissão para o gozo da plena liberdade, organizou para os seus libertos em uma de suas fazendas uma espécie de colônia, cuja direção confiou a um probo e zeloso administrador. Desta medida podiam resultar grandes vantagens para os libertos, para a sociedade, e para o próprio Álvaro. A fazenda lhes era dada para cultivar, a título de arrendamento, e eles sujeitando-se a uma espécie de disciplina comum, não só preservavam-se de entregar-se à ociosidade, ao vício e ao crime, tinham segura a subsistência e podiam adquirir algum pecúlio, como também poderiam indenizar a Álvaro do sacrifício, que fizera com a sua emancipação (GUIMARÃES, 1981, p. 63).

Esse excerto reflete a apreensão da comunidade branca diante da incerteza que representava a abolição da escravidão no Brasil e a conseqüente adoção de uma nova estrutura social e econômica. O modelo de abolição sugerido pelo autor no trecho citado parte da premissa de que o negro é um ser que, se liberto e desvinculado do trabalho servil, pode apresentar uma ameaça para a sociedade. Por isso, Bernardo Guimarães propõe que, a fim de que não se entreguem a “ociosidade, ao vício e ao crime”, os escravos emancipados permaneçam sob a direção de um administrador que estaria encarregado de supervisionar o negro. Nota-se, assim, que o romance abolicionista *A escrava Isaura* é um texto literário sobre o negro, escrito, porém, para o branco. O mesmo se aplica as demais obras do autor, onde o negro protagoniza.

Considerações finais

O século XIX no Brasil e na América Latina se destaca por ser um período histórico de importantes mudanças na estrutura social e econômica desses países. No Brasil, como em outras sociedades escravistas, o abolicionismo esteve no centro do debate sobre o futuro da nação. É nesse momento que observa-se um duplo deslocamento da figura do negro, até então marginalizada do âmbito social e literário, para o centro do discurso popular e dos textos narrativos. Os escritores abolicionistas souberam instrumentalizar o sofrimento do escravo em suas campanhas contra o sistema. Bernardo Guimarães é um desses intelectuais. Em suas obras, ficcionalizou a vida do negro e fez do afrodescendente uma figura central em sua narrativa. Contudo, ainda que pleiteando a

liberdade do escravo, o autor do tão popular romance *A escrava Isaura* não consegue libertar-se das ideias discriminatórias que circulavam sobre a natureza do negro no século XIX. A obra de Bernardo Guimarães, como aponta Roger Bastide, reflete a visão estereotipada que escritor branco possuía do sujeito negro: ele era feio, selvagem, sensual, dependente. A beleza da mulata não é mais que a afirmação de parâmetros de beleza ocidentais. Ao construir personagens estereotipados, no entanto, Bernardo Guimarães, não só expressou sua opinião, ele também reafirmou e perpetuou nas páginas do livro conceitos ideológicos sobre a inferioridade da população e da cultura negra. Revelar e estudar a origem de estereótipos raciais é expressar resistência à circulação de representações que mitificam e inferiorizam o negro até os dias de hoje.

Bibliografia

- ABREU, J. A. C. D. de. **Os abolicionismos na prosa brasileira**: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis. 2013. 472f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/23777/1/Os%20Abolicionismos%20na%20Prosa%20Brasileira.pdf> ; Acesso em 26 ago. 2015.
- ALVES, M. F. **Os romancistas da Abolição**: representação do escravo e discurso abolicionista nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2012. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2333#preview-link0>; Acesso em: 26 ago. 2015.
- BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Editora perspectiva, 1973.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARVALHO, C. A. Imagens do negro na literatura brasileira do século XIX: uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. **Ciências Humanas em Revista**. v. 4, n. 2, p. 53-69, dez. 2006.
- CASTILHO, S. D. de. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar do professor**, Ponta Grossa, v. 7, nº 001, p. 103-113, 2004.
- COWLING, C. Debating Womanhood, Defining Freedom: The Abolition of Slavery in 1880s Rio de Janeiro. **Gender & History**, [s.l.], v. 22, nº 2, p. 284-301, aug. 2010.
- FIGUEIREDO, L. A. de. Considerações a respeito da escrava Isaura. **Alfa**. Revista de linguística. v. 13/14, FFCL: Marília, p. 315-323, 1968.
- GOMES, H. T. **As marcas da escravidão**. O negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/EDUERJ, 1994.

GUIMARÃES, B. J. da S. **A escrava Isaura**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1981. (Série Bom livro).

_____. **Rosaura**: a enjeitada. [s.l.]: Associação de acervos literários biblioteca virtual, 2005. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sitedobg/Home/downloads>; Acesso em: 26 ago. 2015.

_____. Uma história de quilombolas. In: _____. **Lendas e romances**. Uma historia de quilombolas. A garganta do inferno. A dansa dos ossos. Nova edição. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, Livreiro editor, 1900. Disponível em: <https://archive.org/details/lendaseromances00guimuoft>; Acesso em: 26 ago. 2015.

MARTINS, W. **História da inteligência brasileira**. Volume II (1794-1855). São Paulo: Cultrix, Edição da universidade de São Paulo, 1977-78.

MÉRIAN, J. Y. O negro na literatura brasileira *versus* uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**. Porto Alegre, v. 1, n° 1, p. 50-60, mar. 2008.

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil**, São Paulo: Companhia editora nacional, 1932.

SAYERS, R. **The Negro in Brazilian Literature**. Denver: The Bell Press, 1956.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVEIRA, D. M. da. Gênero e escravidão em Bernardo Guimarães. **6° Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, UFSC: Santa Catarina, p. 1-13, 15-18 Maio de 2013. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/danielasilveira.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2015.

SÜSSEKIND, F. **O Negro Como Arlequim**. Teatro & Discriminação, Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

VENTURA, R. **Escritores e mestiços em um País Tropical**. Literatura, historiografia e ensaísmo no Brasil. Nürnberg: Wilhelm Fink Verlag, 1987.